

Fazer Chover Na Sala De Aula: Análise De Fórmulas Cristalizadas No Discurso Da Acadêmica Professora Sobre Sua Atividade Em Sala

*DO RAIN IN THE CLASS ROOM: ANALYZE OF FOMULES CANDIED IN THE
SPEECH OF ACADEMIC TEACHER ABOUT HIS ACTIVITY IN THE CLASSROOM*

Robson **DEON**¹
Maria Ieda Almeida **MUNIZ**²

Resumo: Este trabalho objetiva analisar as fórmulas discursivas (expressões que se cristalizam na linguagem) por meio do discurso da professora estagiária, comentando sobre as atividades desempenhadas na sala de aula em uma entrevista na fase da autoconfrontação simples. Também serão trabalhados conceitos como atividade prescrita, real da atividade, estilo da ação, relacionando-os com o posicionamento discursivo da estagiária, que é construído com o auxílio das fórmulas cristalizadas da língua. Os resultados destacam a percepção do modo de engajamento e de trabalho da estagiária, como também a sua percepção em relação à atividade escolar. Mostraremos, ainda, sobre a funcionalidade destas expressões plasticizadas no interior do discurso.

Palavras-chaves: Fórmulas. Discurso. Estilo da Ação.

Abstract: This work aims analyze the discursive formulas (expressions that crystallize in the language) through of speech of the search subject: the trainee teacher commenting about the activities performed in the classroom in an interview in the phase of simple confrontation. Also will be worked concepts as prescribed activity, real of activity, action's style, relating them with the discursive positioning of intern, which is constructed with the help of discursive formulas candied of language. The results make salient the perception of engagement way and of work of intern, as also his perception in relation to the school activity, and a few more about the functionality of these plasticized expressions in the inside of speech.

Keywords: Formulas. Speech. Action's Style.

¹ Graduando do curso de Letras – Português/Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Bolsista de Iniciação à Docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UTFPR. Endereço eletrônico: robson_deon@hotmail.com.

² Doutora em Linguística Aplicada e Estudos Linguísticos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora da Universidade Federal do Paraná (UTFPR). Endereço eletrônico: mariaiedaalmeidamuniz@gmail.com.

Introdução

Neste recorte de pesquisa temos por objetivo analisar o uso das fórmulas nos discursos dos acadêmicos professores do curso de Letras, cristalizadas no discurso da acadêmica-professora em fase do Estágio curricular obrigatório.

Os recortes extraídos fazem parte de uma entrevista feita com o sujeito de pesquisa em fase de autoconfrontação simples, entrevista esta que consiste em a estagiária assistir a sua própria imagem em atividade na sala de aula (estágio curricular obrigatório), e, posteriormente, a partir do vídeo assistido, tecer comentários sobre o desempenho da aula dada em questão.

As expressões cristalizadas na língua que foram encontradas em seu discurso, e que serão analisadas a seguir, foram as seguintes: “vale nota”, “vender o produto”, “fazer chover na sala”, “perde aqui e ganha ali”, “mundo da lua”, “pegar na mão”, “show de aula”, “pé da letra”, “alguma coisa de bom, hora da verdade”.

Quanto ao conceito de fórmula, usaremos os pressupostos teóricos de Krieg-Planque (2010), enquanto que em relação à metodologia de análise utilizaram-se os pressupostos teóricos da clínica da atividade dos teóricos Clot, Y. Faïta, D. Fernandes, G. & Scheller, (2001).

O estudo das fórmulas presentes nos enunciados dos estagiários permite um conhecimento mais amplo sobre a linguagem em uso e sobre as formas cristalizadas no discurso, como também permite notar a influência e o efeito que essas fórmulas desempenham no interior do discurso, e exterior a ele, nos interlocutores.

Pressupostos teóricos: atividade prescrita e real da atividade

Clot, Y. Faïta, D. Fernandes, G. e Scheller, L. (2001), partindo da melhor tradição ergonômica (Daniellou, Teiger e Laville, Leplet) elaboraram um método de pesquisa inovador: a análise clínica da atividade de trabalho em situação real. Esse método caracteriza-se por uma abordagem autêntica que é desenvolvida no interior da atividade de trabalho real, e que, de modo geral, tem como propósito de “favorecer os esforços dos sujeitos para ampliar o seu próprio raio de ação e o desenvolvimento de suas atividades”³ (CLOT et al., 2001, p.2). Além disso, é importante ressaltar que a metodologia dos pesquisadores separa o conceito de tarefa do conceito de atividade, no qual: “a tarefa refere-se à prescrição, ela é o que deve ser feito. Por outro lado, a atividade é aquilo que se faz” (CLOT et al., 2001, p.17)⁴.

³ Secondar leurs efforts pour élargir leur propre rayon d'action, c'est-à-dire le développement de leur activité.

⁴ La tâche relève de la prescription, elle est ce qui doit être fait. À l'opposé, l'activité est ce qui se fait.

Esses teóricos propuseram o estudo dos gêneros profissionais em analogia ao estudo dos gêneros do discurso de Bakhtin (2011). Eles pontuaram, semelhantemente aos gêneros do discurso estudados por Bakhtin, que todos os gêneros profissionais também possuem uma relativa estabilidade, e é essa mesma estabilidade que serve de base e de orientação ao próprio desenvolvimento da atividade.

Os pesquisadores afirmam que essa relativa estabilidade de um determinado gênero de trabalho processa-se através da história dessa mesma atividade, processo que acaba por constituir modelos de ação específicos e convencionados que sedimentam-se em forma de uma “memória impessoal e coletiva que dá sua característica à atividade em questão: maneiras de lidar, de se dirigir, maneiras de começar e terminar uma atividade, maneiras de conduzir eficazmente seus objetos”⁵ (CLOT et al., 2001, p.3). Ou seja, ao trabalhador, previamente, já estão prescritos certos “gestos de ofício” que o orientam no sentido de desenvolver o seu gênero de trabalho de tais ou quais maneiras específicas.

Entretanto, ao estenderem a análise sobre os gêneros profissionais, eles chegaram à conclusão de que, não obstante existir a prescrição determinante da atividade, existia concomitantemente um espaço aberto à criação subjetiva e criativa do sujeito, ou seja, a possibilidade de imprimir na atividade profissional o estilo particular do sujeito, seu “estilo da ação”. Desse modo, o profissional não seria inteiramente determinado pelas prescrições do gênero profissional, um mero joguete da ação prescrita, mas também poderia imprimir no gênero de atividade profissional a sua criatividade, individualidade, potencialidade, etc.

Dessa maneira, a análise da atividade real de trabalho assume nova perspectiva, na qual o gênero profissional

É também o objeto de ajustes e de modificações daqueles que o utilizam. É este trabalho de ajustamento do gênero para fazê-lo um instrumento da ação que nós chamamos o estilo da ação. É um tipo de emancipação em relação a certas coerções genéricas. Entretanto, nós o vemos como uma dupla emancipação. De um lado, emancipação em relação à memória impessoal. Sob esse ângulo, o sujeito se distancia da coerção, conservando o benefício do recurso, e, em caso de necessidade, modificando a regra, o gesto ou a palavra, inaugurando, assim, uma variante do gênero, cujo futuro dependerá finalmente do coletivo. Acontecendo isso, é o desenvolvimento, a vida mesma do gênero que é assegurada porque ele recebe, assim, novas atribuições por meio da recriação pessoal, avaliada e depois eventualmente validada pelo coletivo (CLOT et al., 2001)⁶.

⁵ Mémoire impersonnelle et collective qui donne la contenance à l'activité en situation : manières de se tenir, manières de s'adresser, manières de commencer une activité et de la finir, manières de la conduire efficacement à son objet.

⁶ qu'il est aussi l'objet des ajustements et des retouches de ceux qui en font leur instrument. C'est ce travail d'ajustement du genre pour en faire un instrument de l'action que nous désignons comme le style de l'action. C'est une sorte d'affranchissement à l'égard de certaines contraintes génériques. Cependant, nous le voyons comme un

Esses pressupostos da análise clínica da atividade apreendidos (a diferenciação e conceituação de “tarefa prescrita e real da atividade”) são conceitos relevantes que serão retomados na análise das falas da estagiária. Além disso, destacou-se a questão da determinação imposta ao sujeito circunscrito dentro de sua atividade profissional, como também a possibilidade deste de transcendê-la através da expressão de sua singularidade, chamada aqui de “estilo da ação” do sujeito, que é precisamente a atualização e a criatividade deste no meio de trabalho (gênero profissional em que atua) pela sua própria força de emancipação frente às determinações inerentes a sua área profissional.

A seguir será desenvolvido o conceito de fórmula, proposto por Krieg-Planque (2010). Posteriormente, será feita as análises dos excertos em que constam essas cristalizações da língua na fala da estagiária, como também as implicações e significações destas no seu discurso.

Fórmulas

As fórmulas discursivas são termos ou expressões cristalizadas em unidades lexicais, e que existem devido ao uso contínuo e estável delas, ou seja, se cristalizam na medida em que são recorrentemente usadas e testadas em vários enunciados.

De um modo amplo, elas estendem-se desde bordões e ditados até provérbios e máximas, e tanto podem significar algo simples como algo complexo. As fórmulas mais complexas e politizadas são aquelas expressões cristalizadas na comunidade, e que portam representações sociais, abarcam esperanças, anseios, reivindicações e protestos das pessoas da época, e que, devido a isso, sofrem uma politização e cotidianidade, passando a construírem um vocabulário sociopolítico, através do qual contribuem para gerar e polemizar discursos.

Uma palavra pode ser compreendida como um organismo vivo que circula pela sociedade. Há certas palavras, que em determinado momento de suas histórias, assumem o que Krieg-Planque (2010) assinala como um período de maior densidade, em que há um aumento significativo nas circulações das mesmas. A partir daí é que elas se cristalizam, se polemizam, se espalham nos discursos, e tornam-se objetos de debate, etc. Só a partir disso é que elas podem ser entendidas como fórmulas.

Krieg-Planque (2010, p.61) aponta que uma autêntica fórmula deve ser constituída por quatro propriedades, que são o 1) caráter cristalizado, 2) dimensão discursiva, 3) referente social e

double affranchissement. D'une part, affranchissement vis-à-vis de la mémoire impersonnelle. Sous cet angle, le sujet prend ses distances avec la contrainte tout en cherchant à conserver le bénéfice de la ressource, au besoin en retouchant la règle, le geste ou le mot, inaugurant ainsi une variante du genre dont l'avenir dépendra finalement du collectif.

4) aspecto polêmico. Neste trabalho vamos apontar fórmulas que correspondem mais ao “caráter cristalizado” no meio do discurso, como também a “dimensão discursiva”, que é quando a fórmula passa a sair do seu lugar de origem e invade lugares discursivos diversos, como por exemplo, “a fórmula desenvolvimento sustentável, que surge na esfera institucional em 1987, no Relatório de Brundtland e, a partir de então, verifica-se seu uso em anúncios publicitários, em artigos de opinião, em debates televisivos, nas artes, no discurso científico, na religião, na política etc.” (COSTA, 2012, p.31).

Quando tratamos de fórmula no seu caráter polissêmico, apto a múltiplas significações adaptadas aos vários contextos, e da sua relação indispensável com um contexto real de interação, é importante ter em mente as palavras de Maingueneau (2008):

Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é preestabelecido e estável. A própria ideia de um enunciado que possua um sentido fora de contexto é insustentável. (MAINGUENEAU, 2008, p.20)

Portanto, ao analisarem-se as cristalizações a seguir, contidas na fala da estagiária, é imprescindível se conceber a língua como uma atividade sociointeracional,

Circunscrita no mundo, sendo colocada em discurso – considerando todos os fatores engendrados nesse processo: as condições de produção, as formações ideológicas e principalmente a relação do simbólico com o histórico e com o ideológico–, é a língua que analisamos: a língua opaca, atravessada por diversos feixes que a erigem e a fazem ressignificar. (COSTA, 2012, p.22)

Desenvolvimento

A filmagem da aula, que corresponde a uma das etapas da pesquisa, serviu de material audiovisual para a realização da entrevista em autoconfrontação simples, que, por sua vez, serviu de *corpus* discursivo ao desenvolvimento deste artigo. A aula aconteceu no contexto de uma sala de apoio que é composta por alunos que apresentam dificuldades no aprendizado escolar, e que vem ao reforço, no turno em que não possuem aulas regulares, para buscarem superar as dificuldades do aprendizado.

A graduanda (sujeito da pesquisa), estando em fase de estágio, aplicou a sua aula nesse contexto específico (sala de apoio), a qual foi devidamente gravada em vídeo. Posteriormente a isso, a coordenadora do projeto propôs à graduanda realizar a entrevista de autoconfrontação simples, etapa da pesquisa na qual a graduanda assiste a si mesma ministrando a aula em vídeo e

tem a possibilidade de refletir sobre a sua própria atividade e ações realizadas ali no ambiente real de trabalho.

Assim sendo, depois de assistir a aula em vídeo e das perguntas específicas da coordenadora do projeto, a estagiária começou a comentar o “real da atividade” de sua experiência em sala de aula. Foi a partir e ao longo desse corpus de entrevista que notamos o uso frequente de expressões cristalizadas, de modo geral chamadas de “fórmulas”, mas que, segundo Kierg Planque (2010), abrangem ditados, bordões, provérbios, gírias, etc.

Após as devidas transcrições da fala da estagiária e a detecção de onde se enunciam essas expressões plastificadas em seu discurso, fez-se uma análise do funcionamento discursivo das fórmulas nos enunciados da estagiária visando entender a contribuição delas à constituição mesma da percepção da atividade do professor que a estagiária possui, como também ao desenvolvimento e aos efeitos do discurso, que versou sobre as ideias e percepções de didática, das aulas, das atividades, da recepção dos alunos aos conteúdos ministrados, dentre outras coisas.

Primeiro excerto:

00:06:16:“questão de você motiva o aluno assim é: ...ali que é o: ...a **hora da verdade** né”⁷

No recorte a estagiária fala sobre a importância de o professor motivar o aluno em sala de aula. Sabe-se que as teorias de didática têm focalizado bastante nesta ideia de motivação, da responsabilidade do professor em elaborar aulas criativas, animadoras, etc. Vemos que a estagiária hesita no final da frase (assim é: ...ali que é o: ...), de modo que percebemos que não encontra as palavras ideais para complementar a ideia da enunciação. Então, de repente, como a solução para a falta de palavra ideal, ela usa uma forma cristalizada e conhecida de grande parte das pessoas: “hora da verdade”.

O que podemos entender dessa cristalização? Em um primeiro momento, podemos entender seu significado como: quando alguém ou alguma coisa é posta à prova. No contexto da fala em questão há uma relação evidente entre o professor e o aluno. O professor usa de suas estratégias didáticas para motivar o aluno e é a partir daí, dessa relação professor/aluno, que as reações positivas do educando são ativadas ou não. Ou seja, é aí nesse momento que se dá a “hora da verdade”. Entendendo isso, nota-se que a fórmula serviu perfeitamente para explicitar o sentido da fala da estagiária, dando a ela mais significância, mais poder de explicitação e clareza. Desse modo, a expressão deu mais potência ao que ela quis dizer. A própria fórmula, por si

⁷ As transcrições obedecem às normas do projeto NURC.

mesma, já carrega essa força de embate, de decisão ou de efetivação de algo, que, neste contexto, é a efetivação da aula.

Traçando um paralelo, agora vamos ver como essa mesma fórmula funciona de maneira similar em outro ramo, a saber, nas estratégias empresariais e mercadológicas. A seguir uma citação a respeito, na qual a fórmula ocorre:

Não se pretende mostrar a tautologia, mas dialogar e refletir um pouco sobre o processo de “ir ao mercado”, pois é nesse encontro entre firma e mercado que ocorre a “hora da verdade”. A expressão “hora da verdade” consegue captar bem o momento da firma no mercado no momento da execução de sua potência. Da potência de grandeza ao fato consumado; do valor de uso percebido para o valor de uso executado, justificado, aprovado. É realmente a hora da verdade. Ou vende-se ou não se vende. (JUNIOR, 2013, p.2)

Percebe-se que o uso da fórmula é similar. O que acontece de diferente é apenas a troca dos sujeitos da ação: se na citação anterior os sujeitos são a empresa e o mercado, na fala da estagiária estes equivalem ao professor e ao aluno. Entretanto, nota-se que o funcionamento da fórmula “a hora da verdade” é similar nas duas instâncias, e diz respeito a um encontro de duas partes, a uma interação decisiva na qual um influi no outro com objetivos específicos, e dos quais espera-se que saia um resultado X (ou não), pois é nessa interação decisiva, nessa hora de contato, que as coisas se decidem para um ou outro lado, e é a esses momentos específicos que podemos chamar de “a hora da verdade”.

É sabido que uma fórmula circula em outras esferas, como vemos no caso dessa expressão em questão. A “hora da verdade” de uma empresa é ela executar sua potência no mercado e esperar dessa ação a atitude de compra (ou não) de seu produto pelos consumidores. Já na sala de aula, a “hora da verdade” do professor é outra: é quando ele executa seus conteúdos e suas estratégias de atividades aos alunos, e eles as recebem com entusiasmo e as desenvolvem de maneira satisfatória (ou não). Desse modo, já conseguimos perceber mais ou menos o mecanismo dessa fórmula e o quanto é significativa e decisiva nos contextos onde aparece aplicada.

Tratando do fenômeno da fórmula discursiva, ela costuma apoiar-se em diversos discursos que a retroalimentam e a sustentam, e que também se beneficiam dela, individualmente, forjando o próprio discurso específico. Percebemos, nos dois exemplos dados, que a mesma fórmula (na esfera educacional e empresarial) mantém um núcleo inalterável que é compartilhado entre as esferas e que se pode compreender, independente da variabilidade e incompatibilidade profissional dessas duas esferas. Essa compreensão da fórmula pode ser explicada segundo a semiótica greimasiana, que compreende a noção de configuração discursiva como “[...] uma organização virtual de sentido que se realiza de maneira distinta nos diferentes contextos em que

se encontra, embora essa variabilidade seja de certa forma cerceada pelo núcleo sêmico comum” (FIORIN, 1990, p.363). Ou seja, embora a fórmula tenha se reproduzido em diferentes contextos profissionais e enunciativos, estes compartilharam em comum o núcleo sêmico da fórmula “a hora da verdade”.

Segundo excerto:

00:07:30: “de aproximar ele da...dessa realidade da... do escritor...de.. do aluno descobri que dentro dele há imaginação, que dentro dele né? Há...há **alguma coisa de bom** né?”

Sabe-se que a expressão selecionada no excerto é mais do que testada e conhecida. Basta colocá-la no buscador da Google e ver em quantos textos dos mais diversos gêneros ela consta. Na fala da estagiária, a expressão tem uma função clara: mostrar que o aluno tem potencialidade em si, mesmo que não domine todos os conteúdos. Afinal, é bom lembrarmos que estamos no contexto de uma sala de apoio na qual os alunos com dificuldades de aprendizado realizam reforço escolar. Sabendo disso, essa expressão tem ainda mais importância, pois, por mais que o aluno tivesse dificuldade na matéria de português, ele também não era só fracasso, ou totalmente “mal” na matéria, visto que ele tinha “alguma coisa de bom”. Essa potencialidade do aluno, que a expressão cristalizada transmite, é que deve ser explorada, e foi justamente essa a ideia que a estagiária propôs: desenvolver uma atividade que explorasse a capacidade imaginativa e criativa dos alunos através da produção de uma história.

Terceiro excerto:

00:10:05: Então, às vezes vai fazer alguma coisa assim...muito ao **pé da letra**, muito:: ... muito naquilo lá né? Que você tem que fazer...hã fica só naquilo...mas com o tempo né... Vai instigando que com o tempo ele vai né? Vai crescendo na... nessas coisas né?

A expressão “ao pé da letra” tem um significado partilhado por todos: significa algo que é executado à risca, literalmente, com exatidão, sem fugir à regra estabelecida. No contexto da enunciação, a estagiária está referindo-se aos alunos quando desempenham uma atividade proposta, porém não conseguem inovar, romper o limite que os faria ser melhores, ir além, surpreender. É isso que ela quer dizer quando fala “muito ao pé da letra [...] muito naquilo lá né? [...] hã fica só naquilo”. Essas expressões tem um teor negativo e não positivo. O advérbio de intensidade “muito” aumenta essa negatividade. Sem dúvida, a cristalização “ao pé da letra” pode

vir positiva em muitas enunciações, como por exemplo: “ele fez o trabalho exatamente ao pé da letra, como eu havia falado”. Porém, no caso da enunciação da estagiária, a expressão é negativa, e diz respeito à rigidez, ao enrijecimento, a uma limitação da potencialidade dos alunos. Ou seja, fazer a atividade apenas “ao pé da letra”, “muito naquilo lá”, é muito pouco, o mínimo. O ideal, neste caso, é fugir “ao pé da letra”, romper o limite e surpreender, é a capacidade do aluno de ultrapassar os critérios mínimos de julgamento ou de avaliação, enfim, é ir além, superar-se a si mesmo.

A estagiária, posteriormente a enunciação anterior, e agora referindo-se ao resultado da atividade com escrita de história pelos alunos, diz de modo entusiasmado: “por que eu gostei da história... eu não esperava aquilo... então aquilo lá me surpreendeu sabe?”. Podemos comprovar, por essa enunciação, o que colocamos no parágrafo anterior, mas agora em uma perspectiva positiva. Uma história feita por um aluno superou as expectativas da própria professora, ou seja, foi além do mínimo que era esperado por ela, ou seja, não ficou apenas “ao pé da letra” da proposta da atividade, antes a superou com a sua criatividade, não ficando só “naquilo lá”, como falou a estagiária.

As formas de uso da expressão “muito ao pé da letra”, pela estagiária, revelam uma professora não dogmática ou rígida nos seus métodos e práticas de atividades ou de avaliação. Revela-se aberta às novidades, a resultados que fogem a regra, aos próprios critérios avaliativos propostos, que, às vezes, são “muito ao pé da letra”, “muito naquilo”, ou seja, muito restringidos e limitados levando-se em consideração a criatividade dos alunos em certas circunstâncias. Ela mesma admitiu que muitas vezes os critérios postos estão aquém das potencialidades criativas dos alunos, e também, ao mesmo tempo, ela colocou-se numa posição receptiva quanto a essas excepcionalidades que podem acontecer em sala de aula. Com isso, demonstra uma atitude de abertura à surpresa e à novidade ao enunciar com ênfase: “por que eu gostei da história... eu não esperava aquilo... então aquilo lá me surpreendeu sabe?”.

Acreditamos que é importante essa atitude de abertura do professor, sempre esperando do aluno algo a mais e sabendo da capacidade que ele tem de ultrapassar os critérios às vezes restringidos, limitados, “muito ao pé da letra” apenas. É essa atitude positiva e renovadora na atividade do professor que, no fundo, a fórmula analisada ajuda a construir no interior do enunciado da estagiária.

Toda essa ideia e percepção que a estagiária constrói através de seu discurso deram-se, em grande parte, graças à fórmula usada (“muito ao pé da letra”), que traz em si esta significação relacionada sempre a algo rígido, estável, formalizado. É por esse sentido que ela se aplica muito bem no meio educacional, que, geralmente, tem formas excessivamente formalizadas e

normatizadas de avaliação, de atividades, etc., e que são “muito ao pé-da-letra”, como fala a estagiária.

Vê-se que ela fez uso de uma fórmula que tem um significado prévio, mas o adaptou a situação inédita vivenciada por ela. Como visto anteriormente, ela faz uso do “núcleo sêmico” (FIORIN, 1990) estável dessa fórmula no intuito de aproveitá-la para exprimir uma situação que aconteceu com ela e seus alunos em sala de aula.

Quarto excerto:

00:10:52: Como teve aulas que eu falo assim...-nossa, vou lá, vou dá um **show de aula** e tal...**faze chove na sala**...aí saí assim sabe? Porque às vezes a aluno não vai querer fazer...as vezes não... não tá a fim...não tá:... **tá no mundo da lua**...e... você não vai poder **pegar na mão** e...vamos fazer né? a gente... as pessoas são livres né? Mesmo em sala de aula...eles são livres então...

Nessa enunciação pode-se ver uma sequência de formas cristalizadas que estão inseridas no enunciado: “show de aula”, “fazer chove na sala”, “tá no mundo da lua”, “não vai poder pegar na mão”. Todas elas servem de maneira significativa para construção do sentido geral da enunciação e da percepção da estagiária sobre o real da atividade vivenciada em sala de aula. Vamos analisá-las uma a uma a seguir.

Pode-se entender a expressão “show de aula” como uma variação da expressão também cristalizada “show de bola”. Esta significa precisamente um ótimo espetáculo de futebol, ou mesmo uma boa atuação de um time em uma partida futebolística. Também pode transitar por outros contextos com o sentido de enfatizar que algo foi muito bom. No caso da fala de estagiária, a expressão tem um significado similar, porém, com referência a sala de aula e não a outro contexto. Ou seja, nesse contexto a expressão significa “dar uma aula boa, espetacular e que impressionasse”. Pode-se entender a expressão como uma apropriação de uma forma conhecida, como também uma adaptação dessa mesma forma a uma nova realidade. Para adaptá-la, tira-se o substantivo “bola” (show de bola) e insere-se no lugar o substantivo “aula” (show de aula).

As cristalizações da língua tem esta potencialidade de circulação em várias esferas, e essa expressão que tratamos tem o potencial de circular em vários lugares. A possibilidade de variação são as alterações no eixo paradigmático (como trocar “bola” por “sala”), mas quanto ao eixo sintagmático da expressão, conserva essa estabilidade na forma e na significação, sempre significando a potenciação ou intensificação de algo que ocorreu de maneira muito boa.

É importante salientar que, no caso do contexto da fala da estagiária, as expressões são usadas para indicar um plano ou expectativa no futuro, que seria dar um “show de aula”, ou “fazer chover na sala”. Logo adiante, ela faz a negação dessas expressões cristalizadas positivas através e com o uso de outras expressões cristalizadas na sociedade: “no mundo da lua”, “não vai poder pegar na mão”, “vale nota” (analisada no próximo excerto).

O ditado bastante conhecido “está no mundo da lua” diz respeito a alguém que está distraído, que não foca no assunto X, ou está com o pensamento divagando em outra coisa que não o ideal a ser pensado no momento. Por ter esse sentido, essa expressão também cabe perfeitamente no contexto escolar: sempre há alunos desatentos, não focados no conteúdo que o professor está expondo, ou com a mente ausente pensando em coisas que não dizem respeito ao conteúdo em sala, mas que se passam do lado de fora da escola (jogar futebol, videogame, assistir TV, etc.). A expressão seguinte, “você não vai poder pegar na mão”, diz respeito ao professor não poder forçar o aluno a fazer uma atividade que ele não está disposto em fazer. A fala que se segue após essa expressão também contribui para esse sentido: “as pessoas são livres né? Mesmo em sala de aula...eles são livres então...se você não conquistar eles não vão fazer né?”.

Nota-se que essas expressões supracitadas invalidam as outras (“show de aula”, “fazer chover na sala”), e revelam a dificuldade de conseguir desenvolver uma atividade satisfatória, pois, para isso, sempre depende-se de uma contrapartida dos alunos, de uma reação positiva deles. Ou seja, a sala de aula é sempre uma via de mão dupla: de um lado o professor e suas estratégias, de outro, os alunos e seus interesses.

Isso faz-nos retomar os pressupostos teóricos trazidos no início, em que é colocada a questão da dicotomia e a diferenciação entre a “tarefa prescrita” e a “atividade real”, entendida como o embate entre aquilo que foi planejado e o que foi executado realmente, ou seja, o que estava para ser feito e o que teve, de fato, possibilidade de acontecer. A citação a seguir vem ao encontro à situação de desapontamento narrada no excerto anterior pela estagiária:

Assim, segundo nossa posição, o real da atividade também é aquilo que não se faz, aquilo que procuramos fazer sem conseguir – o drama dos fracassos – aquilo que tentamos fazer ou podíamos fazer, aquilo que pensamos que podemos fazer em outro lugar. É necessário acrescentar a isto – paradoxo frequente – aquilo que fazemos para não fazer aquilo que deve ser feito. (CLOT *et al.*, 2001, p.1)⁸

⁸ De sorte que, selon nous, le réel de l'activité est également ce qui ne se fait pas, ce que l'on cherche à faire sans y parvenir — le drame des échecs — ce que l'on aurait voulu ou pu faire, ce que l'on pense pouvoir faire ailleurs. Il faut y ajouter — paradoxe fréquent — ce que l'on fait pour ne pas faire ce qui est à faire.

Na fala da estagiária isso fica explicitamente mostrado: num primeiro momento, afirma a idealização ou a prescrição ideal da tarefa, que, em seguida, é logo desmistificada por dados da atividade real: “Como teve aulas que eu falo assim...: - nossa, vou lá, vou dá um show de aula e tal...fazer chove na sala...aí saí assim sabe? Porque às vezes a aluno não vai querer fazer...às vezes não... não tá a fim...não tá...”

É por isso que a pesquisa, quando direcionada aos gêneros profissionais, deve ser realizada por esse viés, a saber: o viés que considera o realizável e o irrealizável, o possível e o impossível, os êxitos e os fracassos (o drama dos fracassos), etc. visto que qualquer atividade humana reflete esses paradoxos, esses confrontos entre o ideal e o real.

A atividade é uma prova subjetiva por meio da qual medimos a nós mesmos e aos outros, mensurando-se todo o real, para ter uma chance de chegar a realizar o que deve ser feito. As atividades suspensas, contrariadas ou impedidas, isto é, as contra-atividades, devem ser admitidas na análise. (CLOT et al., 2001, p.2)⁹

Seguindo a fala do trecho analisado anteriormente, agora ela lança mão de uma fórmula clássica em sala de aula, e talvez a mais contundente e expressiva estudada aqui:

Quinto excerto:

-... se você não conquistar eles não vão fazer né? Ou... ou só se **vale nota** né?
Mas eles não fazem.

Pesquisadora: a sala de **apoio vale nota**?

vale não... lá é... lá é um pouco mais complicado por que...lá não é uma sala de aula né... normal né... então lá né... lá... a sala de apoio existe pra... pra desenvolver aquilo que na sala de aula o aluno tá apresentando dificuldade né...na língua portuguesa...então já era um pouco mais difícil porque eles não iam fazer assim...hã! **vale nota** né...não vale! Né [...] você não podia falar “ó vo te **dá nota**” que **não tinha nota**. você só ia acompanhar o desenvolvimento dele [...]então...assim...é um trabalho árduo? É! mas... é a nossa profissão né [...] aí cabe ao professor né...**fazer chover** pro aluno fazer a atividade né...

“Vale nota” é a expressão que mais representa as propriedades e características de uma autêntica fórmula. Ela tem o caráter polêmico, uma das características essenciais de uma fórmula autêntica, e, ao ser enunciada em sala, **provoca** de imediato um efeito nos estudantes. Todos eles assumem posicionamentos diante da expressão: ou prestam mais atenção, ou perguntam dúvidas sobre determinado assunto, ou protestam amargamente (haaa profe...), ou se aterrorizam, etc. As

⁹ L'activité est une épreuve subjective où l'on se mesure à soi-même et aux autres, tout en se mesurant au réel, pour avoir une chance de parvenir à réaliser ce qui est à faire. Les activités suspendues, contrariées ou empêchées, voire les contre-activités, doivent être admises dans l'analyse.

verdadeiras fórmulas têm essa qualidade de chamar o público a uma atitude de posicionamento (pro ou contra), e, como diria Bakhtin (2011), provocam no interlocutor uma atitude responsiva mais intensa.

Além disso, uma fórmula polemizada é um objeto de discussão em torno da qual se discutem posicionamentos que buscam defini-la de um jeito ou de outro quanto a sua significação. Por mais que ela seja aparentemente estável em sua forma estrutural, é instável no seu funcionamento discursivo. Para exemplificar, fórmulas como “desenvolvimento sustentável”, “legalização da maconha”, “globalização”, “aquecimento global”, são grandes centros estáveis do ponto de vista das cristalizações (formas cristalizadas), mas, sob essa aparência estável, no interior delas, produzem-se inúmeros debates, posicionamentos variados, significações controversas, enfim, movimentos instáveis. Uma fórmula consagrada e politizada é aquela que pode ser um objeto relevante de discussão em algum momento histórico.

Quanto à fórmula “vale nota”, vemos que ela se tornou um objeto de discussão. Isso fica claro quando a pesquisadora pergunta à professora: “a sala de apoio vale nota?”. Nota-se que ela propôs, na questão, a própria fórmula como sendo o objeto central da discussão, e toda a resposta da estagiária à pergunta girou em torno dela. Assim, a fórmula é a problemática naquele contexto de sala, pois os trabalhos dados aos alunos não podiam “valer nota”, e isso dificultava o nível de seriedade e dedicação por parte deles em desenvolver as atividades. Como vemos questões problemáticas e de intenso debate nas fórmulas “desenvolvimento sustentável”, “legalização da maconha”, “globalização”, e “aquecimento global”, a fórmula “vale nota” também é uma problemática em sala de aula, e muito discutida entre educadores e teóricos da educação. Muitos consideram a forma de avaliação apenas por nota (por aplicação de trabalhos e provas que “valem nota”) uma maneira de avaliar equivocada. Pontuam que a avaliação deve abranger mais dimensões, como avaliação por participação em sala do aluno, por apresentações de trabalhos, etc.

Isso já basta para vermos que esta fórmula é uma questão polêmica e abrangente, e o centro de muitas discussões entre educadores e teóricos no que diz respeito aos modos de avaliação da escola. Desse modo, nota-se que essa fórmula “mantém na aparência a estabilidade, mas nas profundezas é puro movimento, pura instabilidade [...], pois a fórmula possui estrutura significativa partilhada, contudo o significado está em constante debate.” (COSTA, 2012, p.25). Krieg-Planque (2010, p.56) afirma que “[...] nem todos inscrevem a mesma coisa no lado cara da fórmula, e é exatamente por essa razão que ela é uma questão central nos debates”. Quanto à fórmula apresentada, vê-se que ela apresenta essa capacidade de ser um lugar de foco discursivo que provoca o debate em torno de questões e critérios que dizem respeito aos modos de

avaliação, e, nesse sentido, pode ser considerada “[...] um denominador comum de discursos” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.74).

“Fazer chover” e a interdiscursividade

Em vista disso, detenhamo-nos um momento diante da forma plástica “fazer chover”. Vamos rastrear algumas de suas ocorrências na esfera jornalística, em um título de um livro e em letras musicais. Isso nos ajudará a compreender o uso e a função dessa cristalização de um modo mais amplo, as suas novas significações alcançadas, e a sua flexibilidade semântica, apesar de manter-se rígida e cristalizada na sua forma estrutural.

Na esfera jornalística, dois títulos de notícia em sites que aparecem a fórmula:

“Deus é brasileiro e vai **fazer chover**”, diz ministro de Minas de Energia (Gospel Prime)

Alckmin gasta mais R\$ 4 milhões com avião que promete **fazer chover** sobre represas (Rede Brasil Atual)¹⁰

O uso da fórmula foi muito criativo, principalmente em cenários de estiagem e falta de água no Sudeste do país e em São Paulo. No primeiro caso, Eduardo Braga, ministro de Minas e Energia, usou a fórmula para a afirmação no sentido de uma esperança na Providência Divina. Já no caso do governador Alckmin, embora referindo-se ao problema de falta de água também, a cristalização está no sentido de informar o “contrato com a empresa Modclima que presta serviço de "semeadura de nuvens", processo que tenta fazer chover a partir do bombardeamento de partículas de água em nuvens, com uso de avião pulverizador” (Rede Brasil Atual). Neste caso, a fórmula, que costuma aparecer em várias enunciações em um sentido figurado, aparece em um sentido mais literal.

Agora esta mesma cristalização aparecendo em letra de músicas, porém em um sentido figurado, e totalmente diferente dos exemplos anteriores, dessa vez aludindo às relações afetivas.

“Então me socorra, mata o meu desejo Eu faço chover, faço chover, chover, chover” (Faço chover, Calcinha Preta)

“Vamos fazer chover, chover, chover, chover, chover” (Vamos fazer chover, Grupo Molejo).

¹⁰ Alckmin gasta mais R\$ 4 milhões com avião que promete fazer chover sobre represas. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2014/07/alckmin-gasta-mais-r-4-milhoes-com-aviao-que-promete-fazer-chover-sobre-represas-476.html>> Acessado em: 25 mar. 2015.

O último exemplo do uso dessa fórmula é no título de um livro sobre negócios, de Mike Schultz e John E. Doerr. A fórmula aparece novamente com um significado diferente dos exemplos anteriores, agora num sentido propagandista e de marketing, apesar de manter a mesma estabilidade na forma estrutural:

E se Dinheiro Caisse do Céu? Como Fazer Chover Vendas em seus
Negócios

Com isso podemos ver que uma fórmula, apesar de aparentemente ter uma estrutura cristalizada e fixa na sua forma exterior, no interior de sua aparente forma inalterada processa-se a variação e a atualização de significados que é atualizado e adaptado conforme o contexto e o sujeito da enunciação. A estagiária, quando usou essa expressão, também a atualizou para um significado que ela não possuía antes. De certa forma, podemos dizer que o núcleo do significado da expressão é compartilhado em grande parte das situações, porém, não podemos negar que, dependendo do contexto, do uso e da esfera específica onde é enunciada, ela adquire uma significação mais ampla, inédita, com novas dimensões.

Observemos na próxima fala da estagiária novamente o uso dessa mesma expressão:

Sexto excerto:

00:16:24: Tem que cuidar disso né... a gente vê muita coisa, muito método, muito...né...nossa! vou... vou **fazer chove na sala...** então...então não é bem assim... então... **aprender a perder aqui, ganhar ali** né...e aceitando a realidade.

Agora a fala traz (novamente) a ideia da crença de fazer uma aula espetacular e excepcional, amparada por várias teorias e métodos que ela aprendeu na universidade no seu curso de graduação em Letras. A cristalização “fazer chover na sala” auxilia na formação dessa ideia prévia e otimista de que a estagiária tem em relação à atividade do professor. Notemos que logo depois, com o auxílio de outra forma relativamente cristalizada da língua (“a saber”, “aprender a perder aqui”, “ganha ali”) o otimismo da fórmula anterior é negado. Esta segunda expressão já é colocada como negação da primeira, e foi baseada no real da atividade em sala e nas suas implicações negativas, e que acabam por impedir a realização plena anteriormente idealizada pela estagiária, que tinha a ideia ou o ideal de “fazer chover na sala”. Vê-se nesta fala significativa novamente a problemática entre o real da atividade e a tarefa prescrita. Para

demonstrar esse confronto de modo mais claro e impactante, ela usou duas cristalizações da língua que também se confrontavam. Enquanto a primeira é super-otimista, motivadora, a segunda já possui um caráter mais realista (... aceitando a realidade), que considera as perdas inevitáveis (dramas dos fracassos) e os possíveis ganhos que podem advir do desenvolvimento de qualquer atividade ou profissão.

Por último, vamos analisar, a seguir, a significativa fala da estagiária:

Sétimo excerto:

00:14:13: Como eles iam bem cedo, 7 e meia da manhã, eu tinha que levar muitas coisas diferente né ... pra eles não... hã não cansar...hã isso é chato...vou ficar em casa né. [...] então tinha que prender eles aí. Então essa... eu vejo que assim...essa é uma das exigências da... da profissão né. Você tem que... **você tem que vender o produto** né.

Essa expressão é conhecida e clássica no meio mercadológico, principalmente aplicada à atividade dos vendedores: eles precisam de alguma forma “vender o produto”, pois esse é o objetivo central de um vendedor. Para isso ele precisa usar de variadas estratégias, descrever as características do produto, as qualidades que ele possui, o diferencial em relação aos outros, etc. até conseguir convencer o comprador em potencial a comprá-lo. Um bom vendedor resume-se a isso: aquele que consegue “vender o produto”.

O uso dessa expressão pela estagiária foi bem criativo e esclarecedor. Ela trouxe uma expressão comum de outra esfera (a mercadológica) para adaptá-la e introduzi-la no meio educacional. O efeito disso é significativo. De alguma maneira há analogias que podem ser feitas entre a atividade do vendedor e a do professor, e foi nesse sentido que ela se apropriou dessa cristalização. Grosso modo, o objetivo do professor é fornecer conhecimento por meio do aprendizado. Portanto, podemos dizer que o “produto” da educação é o conhecimento, e quando ela enuncia a fórmula podemos entender que refere-se metaforicamente ao conhecimento. Assim, analogicamente, o professor, como o vendedor, precisa usar de variadas estratégias e métodos de aula para interessar e incentivar o aluno a “comprar o produto”, ou seja, a estudar o conteúdo com afinco e determinação. É precisamente este o sentido da fala da estagiária: “eu tinha que levar muitas coisas diferente, tinha que prender eles, essa é uma das exigências da... da profissão”. Nota-se que ela age no intuito de cativar os alunos para a atividade escolar, assimilando-se, assim, muito com a atividade do vendedor cativando o comprador no intuito de fazê-lo adquirir o produto.

O uso da fórmula “você tem que vende o produto né” é uma sacada interessantíssima: traz a tona, simbolicamente, uma inter-relação de diálogo entre estas duas esferas da sociedade, a comercial e a educacional, aparentemente diferentes, mas com um ponto de interseção e convergência em comum. Nessa simbiose inovadora, inspirada pela expressão cristalizada na fala da estagiária, pode-se ver a atividade do professor em sala de aula por um novo e inspirador viés: o professor/vendedor.

Isso traz a tona a questão que foi proposta pelos teóricos, que é o “estilo da ação”:

É este trabalho de ajustamento do gênero para fazê-lo um instrumento da ação que nós chamamos o estilo da ação. É um tipo de emancipação em relação a certas coerções genéricas. Entretanto, nós o vemos como uma dupla emancipação. De um lado, emancipação em relação à memória impessoal. Sob esse ângulo, o sujeito se distancia da coerção, conservando o benefício do recurso, e, em caso de necessidade, modificando a regra, o gesto ou a palavra, inaugurando, assim, uma variante do gênero. (CLOT et al., 2011, p.3)

A fala da estagiária revela essa atitude dinâmica, pessoal e criativa do profissional dentro do seu gênero específico de atuação. Ela está disposta a readaptar-se, recriar-se, reelaborar-se enquanto professora para alcançar o objetivo profissional estabelecido. Assim, assume uma postura individual em que pode “enfrentar a situação desenvolvendo seu poder de agir pessoal.” (CLOT et al., 2001, p.4)¹¹. Nesse sentido, ela tem forte tendência a imprimir o seu estilo de ação na atividade de professor, e isto é positivo, pois lhe dará potencialidade para expandir seu raio de ação e emancipar-se das delimitações próprias e específicas de cada gênero profissional. Com a emancipação do sujeito no seu espaço de trabalho tem-se, gradual e conseqüentemente, uma mudança no próprio gênero, que, por sua vez, estará mais maleável a novas experiências e ao próprio progresso da atividade específica que encera.

O “estilo da ação” do sujeito pode ser entendido como a iniciativa de ação sobre o meio em que esta inserido e também sobre si mesmo. Partindo dessa definição, o “estilo da ação” do sujeito em seu meio de trabalho é uma tomada de consciência em que se opera a “redescoberta – a recriação - deste objeto psíquico em um novo contexto que “o faz ver de outra maneira” (CLOT et al., 2001)¹². Dessa forma, quando a estagiária se põe a pensar sobre a atividade de professor (seu objeto de análise na autoconfrontação simples) coloca-se na posição de sujeito disposto a praticar ações inovadoras em sala de aula. Portanto, a partir dessa posição discursiva, ela revela-se disposta a repensar (recriar, readaptar, etc.) o gênero profissional através do exercício

¹¹ faire face à la situation en développant son pouvoir d’agir personnel.

¹² mais la redécouverte — la re-création — de cet objet psychique dans un contexte nouveau qui le « fait voir autrement ».

de desenvolvimento do seu “estilo de ação”, que é sempre possível a sujeitos criativos e dinâmicos.

Essa atitude do sujeito frente a sua atividade é, seguramente, a de propor

Um novo contexto que o “faz ver de outra maneira”. Compreender é pensar em um novo contexto. [...] Em vez de encontro com o passado, a tomada de consciência é metamorfose do passado. De objeto vivido no passado, ele é promovido à posição de meio para viver a situação presente ou futura. (CLOT, 2010, p.148)

Conclusão

Este trabalho demonstrou, num modo exploratório e explicativo, a ocorrência de algumas expressões cristalizadas no discurso da professora-estagiária, que, de modo geral, são chamadas de “fórmulas discursivas”.

Podemos analisá-las uma a uma e perceber a função e a importância que exercem no interior dos enunciados, e para a própria construção da concepção de atividade de professor da estagiária, como também da sua percepção da experiência de estágio.

Vimos que as fórmulas serviram de enquadramento para questões centrais da análise clínica da atividade de trabalho em situação real, como também para a apreensão dos conceitos de “tarefa prescrita”, “real da atividade”, e “estilo da ação”.

Além disso, percebemos o funcionamento de certas fórmulas e a circulação discursiva que podem fazer através das outras esferas e discursos, como também a capacidade que possuem de gerarem e impulsionarem debates, de serem objetos do discurso, como no caso da fórmula “vale nota”. De modo geral, pode-se concluir que o uso de expressões cristalizadas contribui significativamente para a construção dos sentidos das enunciações da professora-estagiária em relação à atividade de ser professor.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezera. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *Aesthetic of verbal creation*. Paris, Gallimard, 1984.

CLOT, Y. *La fonction psychologique du travail*. 4. ed. Paris: PUF, 2004a.

_____; FAÏTA D. Genre et style en analyse du travail. In: *Travailler*, n. 4, Paris: Martin Media, 2001.

_____. et al. *Entrétiens em autoconfrontation croisée: une méthode em clinique de l'activité*. 2001. Disponível em: <<http://pistes.revues.org/3833>> Acessado em: 14 jun. 2015.

_____. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FAÏTA, D. *La conduite du TGV: exercices de styles*. Camps Visuels, n. 6, 1997.

- JUNIOR, Paulo Hayashi. Ensaio: a inovação, a firma, o mercado e a hora da verdade. *Revista Pretexto*. Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 11-19, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/1236>>. Acesso em: 25 mar. 2015.
- LOPES, Roberta Leiliane. “*Deus é brasileiro e vai fazer chover*”, diz ministro de Minas de Energia. Disponível em: <<http://noticias.gospelprime.com.br/deus-brasileiro-chuvas-ministro-energia/>> Acessado em: 25. mar. 2015> Acesso em: 25 mar. 2015.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos da comunicação*. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MUNIZ, Maria I. A.; SOUZA, Lucilane R. de; NEPOMUCENO, Arlete R. . O aprendiz de professor e o real da atividade: uma constante interação verbal. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO, IX, 2011, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/gtlet/arquivos/mieda_artigo_aled.pdf> Acessado em: 14 jun. 2015.
- MUNIZ, Maria I. A. *As práticas discursivas em situação de trabalho e o real da atividade: uma consciência jurídica*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2008.
- _____. et al. *A linguagem e suas múltiplas visões*. Organização: Maria Ieda Almeida Muniz e Arlete Ribeiro Nepomuceno. Montes Claros, MG: Unimontes, 2011.
- KRIEG-PLANQUE, Alice. *Noção de fórmula em análise do discurso: Quadro Teórico e Metodológico*. São Paulo: Parábola Editoria, 2010.

Chegou em: 27-08-2015

Accepto em: 27-09-2015